

Orientação coletiva: uma experiência bem-sucedida

Collective orientation: a successful experience

Orientación colectiva: una experiencia exitosa

Patricia Brant Mourão Teixeira Mendes, doutora em Saúde Ambiental pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP), pós-doutora em Sociologia Urbana pelo *Laboratoire Cresson - UMR CNRS 1563 Ambiances - Architecturales et Urbaines*, Grenoble, France, e diretora de projetos da Participare Instituto de Meio Ambiente e Cidadania. E-mail: patricia.brant@gmail.com.

Wanderley da Silva Paganini, doutor e mestre em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP), livre docente em Saneamento Básico e Ambiental, professor associado da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) e Superintendente de Gestão Ambiental da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp). E-mail: paganini@usp.br.

Miriam Moreira Bocchiglieri, doutora em Ciências (Saúde Pública) pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) e coordenadora de Comunicação Ambiental da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp). E-mail: miriam.moreira@sabesp.com.br.

Resumo

Este artigo versa sobre uma metodologia utilizada para complementar a orientação individual dos pós-graduandos em seus projetos de pesquisa. Essa metodologia foi desenvolvida coletivamente a partir da experiência pessoal de um professor da pós-graduação. O objetivo da proposta foi o de amenizar o processo solitário e desconhecido vivenciado por seus orientandos, bem como possibilitar a construção de novos conhecimentos na medida em que compartilhassem suas

descobertas e apoiassem uns aos outros durante a elaboração da sua pesquisa.

Palavras-chave: Metodologia de Orientação Interdisciplinar. Orientação Coletiva. Espaço de Aprendizagem. Espaço de Acolhimento.

Abstract

This article is about a methodology used to complement the individual orientation of graduate students in their research projects. This methodology was developed from the personal experience of a graduate-level professor. The aim of this methodology is to ease the solitary and inscrutable process experienced by advisees, as well as make possible new knowledge acquired by sharing discoveries and by providing mutual support during the development of research.

Keywords: Guideline of Interdisciplinary Methodology. Collective Orientation. Learning Space. Welcoming Ambiance.

Resumen

Este artículo trata acerca de una metodología utilizada para complementar la orientación individual de los estudiantes de posgrado en sus proyectos de investigación. Esta metodología fue desarrollada de forma colectiva desde una experiencia personal de un profesor del posgrado. El objetivo de esta propuesta fue facilitar el proceso solitario y desconocido experimentado por sus alumnos, así como permitir la construcción de nuevos conocimientos en la medida en que compartieran sus descubrimientos y se apoyaran mutuamente durante la elaboración de sus investigaciones.

Palabras clave: Metodología de Orientación Interdisciplinaria. Orientación Colectiva. Espacio de Aprendizaje. Espacio de Acogimiento.

Introdução

A pós-graduação é um momento de reflexão sobre o cotidiano profissional e a necessidade de se produzir conhecimento sobre ele. Diferentemente da prática profissional em que o fazer é rotineiro e imediato, a pós-graduação possibilita repensar essa trajetória teoricamente e reconstruí-la metodologicamente por meio de teorias, técnicas e instrumentos científicos.

Aberto ao desconhecido, o pós-graduando – em especial o mestrando – busca compreender a sua nova paixão: o projeto de pesquisa com o qual espera transformar o seu olhar profissional.

O cotidiano profissional do orientando é radicalmente modificado na pós-graduação, pois velhas concepções profissionais vão sendo redefinidas, novas atividades são introduzidas, novos conceitos são incorporados e novas habilidades precisam ser desenvolvidas – a escrita acadêmica é uma delas. O orientando passa a se relacionar com uma grade curricular diferente da graduação, uma vez que tem autonomia no que se refere à escolha das disciplinas, bem como a liberdade de cursá-las em outras áreas da universidade, pois as escolhas são feitas em razão da temática a ser pesquisada. Dessa forma, o aluno faz um levantamento das disciplinas de interesse para o período, apresentando-as ao orientador, que apontará aquelas que efetivamente poderão contribuir para a obtenção do embasamento necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

Os desafios são muitos e vão surgindo no próprio processo de desenvolvimento do projeto – o medo do desconhecido, a solidão, a ansiedade de se apropriar de um novo conhecimento, as dúvidas sobre o projeto, a insegurança em relação aos instrumentos escolhidos etc. Segundo Ciampa (1987), é também o momento da construção de uma nova identidade no fazer acadêmico: a de orientando/pesquisador.

De certa forma, a pós-graduação põe em suspensão a vida profissional cotidiana do aluno. Uma nova rotina se instala aos poucos, reintroduzindo algo do velho cotidiano e algo do novo.

[...] esta suspensão da vida cotidiana não é fuga: é um circuito, porque se sai dela e se retorna a ela de forma modificada. À medida que estas suspensões se tornam frequentes, a reapropriação do ser genérico é mais profunda e a percepção do cotidiano fica mais enriquecida (FALCÃO; NETTO, 2012, p. 127).

A solidão é um dos maiores desafios do orientando no gerenciamento do seu projeto de pesquisa, pois nesse processo são poucos os que podem orientá-lo. O orientador é o seu interlocutor principal e, muitas vezes, ele não consegue entender as expectativas apresentadas.

A grande preocupação do orientando na pós-graduação é a administração do tempo e das etapas a cumprir, as matérias a serem cursadas, a qualificação, a pesquisa e a elaboração do trabalho e, finalmente, a defesa. O processo vivenciado na pós-graduação é denso, lança o orientando a uma montanha-russa solitária de emoções, ora ele experimenta a euforia, a produção caótica e rica de ideias, ora o marasmo, a impotência total, a dificuldade de colocar as ideias no papel e a falta de vontade de trabalhar o tema escolhido. Nesse processo, o orientador tem de ter sensibilidade para entender esse vendaval de emoções e transformar-se em um “quase” terapeuta.

A pós-graduação na Faculdade de Saúde Pública – principalmente na área de Saúde Ambiental – traz consigo um diferencial intrínseco a esse campo do conhecimento: o olhar multidisciplinar oriundo da heterogeneidade de formações profissionais dos orientandos e dos professores. Como bem pontua Mendes (2011), a relação homem/meio ambiente é o cenário principal da saúde ambiental. É nessa relação dual e pendular que as ações são pensadas, planejadas, pesquisadas, articuladas, avaliadas e gerenciadas. Dessa forma, todas as aulas, assim como os debates em classe, os livros e os trabalhos em grupo, carregam esse olhar multidisciplinar e instigam uma leitura mais complexa sobre o cenário objeto de discussão, desencadeando momentos de intensa reflexão para serem compreendidos e internalizados de imediato.

Este artigo faz uma reflexão sobre a metodologia utilizada para complementar a orientação individual dos alunos dos cursos de pós-graduação da Faculdade de Saúde Pública na realização de seus

projetos de pesquisas na área de Saúde Ambiental. Essa metodologia de orientação coletiva foi desenvolvida com base na experiência pessoal de um professor de pós-graduação. A intenção foi buscar uma forma de amenizar o processo solitário e desconhecido vivenciado por seus orientandos, criando um espaço de acolhimento no qual todos pudessem compartilhar descobertas, apoiar-se mutuamente e se solidarizar, sobretudo nos momentos difíceis, além de construir coletivamente novos conhecimentos.

A orientação coletiva

a. A dinâmica das relações orientador/orientando, orientador/orientandos, orientando/orientando

A relação entre orientador e orientando na pós-graduação é dinâmica e recíproca, um intercâmbio de experiências que se encontram em fases diferentes. Como bem pontuam Ferreira, Furtado e Silveira (2009), o orientando é um pesquisador em potencial em busca do seu desenvolvimento teórico, mas que ainda necessita de orientações para a sua autonomia científica.

Nas reuniões de orientação coletiva, a relação proposta é interpessoal, pois há um compromisso e um objetivo comum entre todos os membros. Esse compromisso é fundamental para o desenvolvimento da orientação coletiva.

[...] a relação interpessoal possibilita um processo rico de trocas, criando oportunidades de catarse, reflexão, (re)elaboração e (re)significação dos papéis de orientador e orientando (MENDES, 1998, p. 173).

Nesse sentido, podemos dizer que as orientações coletivas contribuem também para a autonomia científica do orientando, considerando-se ainda que, nas orientações coletivas, os participantes atuam sob o compromisso de se envolver com o projeto do outro, trocar informações, solidarizar-se em momentos difíceis, produzir conhecimento coletivamente, enfim, de formar um grupo de fato. Esse compromisso acordado é igualmente uma relação sujeito/sujeito, pois

[...] construída face a face, envolvendo movimentos intensos de subjetividade/objetividade, expressos num espaço social definido, mediados por papéis distintos que ambos desempenham (orientador/orientando e orientando/orientando) (Ibidem, p. 184).

O espaço é social, porque a atividade de orientação é exercida coletivamente em uma sala da universidade, possibilitando a reflexão sobre as atividades que permeiam as relações de todos os participantes: orientador/orientandos; orientador/orientando-pesquisador; orientador/orientando-bolsista; orientando/orientando; orientando-pesquisador/sujeitos da pesquisa; orientando-aluno/professores da pós-graduação e entre outros personagens¹ construídos ao longo do processo.

A dinâmica das reuniões propicia a troca de experiências vivenciadas pelos orientandos e fornece também a distância necessária para que o orientando possa refletir sobre as mudanças que ocorreram ao desenvolver uma ideia, ao apresentar o seu projeto e até mesmo ao cumprir a responsabilidade que exerce na situação em que se encontra.

Ao utilizar orientações coletivas centradas nos projetos de pesquisa dos orientandos, o orientador propicia um processo de reflexão sobre a elaboração desses projetos para todos os presentes, de formas diversas. Para o orientando que está expondo o seu projeto, funciona como mediação na reorganização do seu conteúdo e do caminho a ser perseguido; para os outros, como contato com um novo conhecimento e, às vezes, como mecanismo de *insights* para o seu próprio projeto.

b. Proposta baseada na experiência pessoal

A experiência se inicia no ano de 2003 no Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública, com seis pós-graduandos, quatro orientandos do mencionado professor e dois mestrandos interessados no processo. O Departamento de Saúde Ambiental tem como objetivo formar pesquisadores e docentes que possam contribuir na concepção e na implantação de políticas públicas de meio ambiente, saúde pública e saneamento.

¹ Entende-se personagem aqui, segundo Ciampa (1987), como aquele que é definido no papel vivenciado pelo sujeito da ação, sendo ele, portanto, único e singular.

Como bem pontua Severino (2009), “a pós-graduação é destinada à produção do conhecimento através da pesquisa articulada à formação de novos pesquisadores”. Fazer ciência exige uma ambiência de reflexão e de estímulos, para poder problematizar, articular e elaborar considerações a respeito.

Tendo por base sua experiência pessoal na pós-graduação, o orientador idealizou uma proposta inicial de orientação coletiva para ser apresentada aos seus orientandos. Sua trajetória na pós-graduação lhe mostrou o quanto esse intenso processo é solitário e os vários desafios e preocupações que precisam ser enfrentados e conquistados. Intercalar orientações individuais com coletivas poderia ser um processo rico e acolhedor para seus orientandos.

Com tal quadro em mente e buscando formas de superá-lo, a proposta de orientação coletiva nasce como a possibilidade de ser um instrumento complementar às orientações individuais e um espaço facilitador para os orientandos refletirem sobre o seu cotidiano de pesquisador, amenizando a solidão desse processo, apoiando e alterando suas percepções sobre o que faz e sobre o alcance dessas ações.

c. O desenho da proposta inicial

A orientação coletiva foi estruturada mediante reuniões mensais com os orientandos, nas quais os projetos de pesquisa seriam trabalhados coletivamente, assim como os sentimentos difusos que permeiam o processo de pós-graduação.

As reuniões tiveram como premissa básica ser um espaço de acolhimento, de interlocução dos saberes vividos no cotidiano profissional e dos saberes técnicos e científicos nos processos das pesquisas. Como pontua Carvalho (2014), esse espaço pode possibilitar a capacidade de combinar os saberes vividos decorrentes das aprendizagens acumuladas na vida profissional, com a compreensão do conhecimento formal, técnico e científico, e construir um olhar multidimensional e (re) totalizante.

Como hipótese metodológica, apostou-se na inversão lógica usual de aprendizagem partindo do raciocínio verbal, da fluência comunicativa, para a elaboração escrita do projeto de pesquisa. Ou seja, os projetos de pesquisa são construídos a partir de apresentações orais para o grupo de orientandos, por meio de uma itemização básica, aprimorada a cada apresentação, de modo que, conforme as ideias ficam claras para os presentes, o orientando passa para a fase de escrever o projeto, conforme será detalhado adiante. Outra proposta metodológica adotada foi a inclusão de um roteiro de compromissos para facilitar o gerenciamento do projeto de pesquisa do orientando.

Diferentemente de outras, a graduação em Saúde Pública é uma área nova; assim, a convivência de profissionais de diversas formações é embrionária, um traço dessa área na qual se busca um olhar multidisciplinar. Os orientandos do grupo vêm de diversas áreas: Engenharia, Biologia, Serviço Social, Arquitetura e Administração, entre outros. Um grupo rico, com diferentes demandas e enfoques, temáticas e abordagens diversificadas e áreas de pesquisas semelhantes.

Dessa forma, alguns princípios embasaram a proposta:

- As palavras de Freire (2007, p. 23): “não há docência sem discência ... Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”;
- A construção de uma relação de confiança entre orientador e orientando;
- A construção de uma ambiência de acolhimento, de solidariedade e de trocas entre os participantes.
- O reconhecimento das competências e habilidades de cada um. Todos portam uma história profissional e, portanto, um conhecimento. Respeitar os saberes do outro é fundamental para fortalecer competências e desenvolver novas habilidades (FREIRE, 2007).
- O reconhecimento da capacidade de autonomia de cada um para desenvolver o seu projeto, pois ele é o seu bem maior. Como diz Freire (2007, p. 59), “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”.

Assim, na primeira reunião com os pós-graduandos, a proposta de orientação coletiva foi apresentada pelo orientador, que enfatizou a necessidade da participação ativa e do compromisso dos orientandos para que os benefícios esperados pudessem se concretizar no processo.

Metodologia empregada nas orientações coletivas

Na fase inicial da orientação coletiva, foram apresentadas algumas diretrizes e normas para auxiliar nesse processo, tanto do ponto de vista administrativo – a documentação envolvida –, quanto em relação a questões de ordem técnica:

- Elaboração de uma agenda anual das reuniões mensais de orientação coletiva, buscando garantir a presença de todos. As datas das orientações individuais seriam agendadas conforme a necessidade levantada pelo orientando;
- Montagem de uma pasta individual na sala do orientador, na qual seriam arquivados todos os documentos produzidos durante a pós-graduação: cópia de todos os documentos enviados para secretaria da universidade, atividades programadas, artigos, inscrições e certificados de participação em seminários, congressos, versões parciais da tese/dissertação e o texto final do trabalho, propriamente dito. Essa pasta seria manipulada tanto pelo orientador como orientando, exigindo um esforço maior do orientando para documentar a sua vida acadêmica, bem para organizar esse dossiê para os momentos de necessidade;
- Elaboração de um cronograma detalhado e dinâmico das atividades do orientando durante a pós-graduação, identificando todas as atividades e fases do projeto, com estimativas realistas de prazo para o seu desenvolvimento. Os cronogramas seriam fixados na sala do orientador, sendo sistematicamente atualizados depois das alterações observadas pelos orientandos durante o desenvolvimento do projeto;
- Produção de um artigo² por ano, preferencialmente de autoria coletiva, buscando enriquecer o currículo acadêmico (essa questão foi proposta como meta e não como obrigação);

² Esta proposta foi apresentada também para treinar a escrita, a fundamentação, a reflexão teórica dos orientandos. Trabalhar em pares ou mais (houve artigo com mais de cinco autores) em temas comuns é mais fácil e ajuda a treinar a comunicação escrita.

- Realização do exame de qualificação ainda no primeiro ano da pós-graduação, para o orientando poder se dedicar ao desenvolvimento do projeto – na Faculdade de Saúde Pública, ressalte-se, o aluno deve realizar o exame de qualificação em até 16 meses após a sua primeira matrícula no curso;
- Cumprimento da pauta das tarefas estabelecidas nas orientações.

Esse rol de compromissos visa ajudar o orientando a organizar seus documentos, controlar o tempo de mestrado e doutorado, que hoje é muito curto³, e tornar a sua trajetória acadêmica mais produtiva. As intercorrências e os obstáculos fazem parte do cenário da pós-graduação, portanto, ao administrar o tempo, o orientando tem a possibilidade de realizar ajustes, caso ocorra algum incidente no decorrer do percurso.

A metodologia empregada nas orientações coletivas foi construída coletivamente, assim o rol de compromissos e a dinâmica das reuniões foram discutidos e aprovados pelo grupo.

Foi decidido em conjunto que as reuniões mensais teriam duas horas de duração, sendo a primeira hora dedicada aos informes sobre congressos, indicação de textos, reflexões sobre formas de trabalhar o projeto e recomendações para expor um trabalho oral, entre outros. A segunda hora seria destinada à exposição oral dos trabalhos, na nomeada “sessão pinga-fogo”⁴. Ficou acordado também que, após cada apresentação, seria feita uma reflexão coletiva sobre os pontos notáveis dos projetos, tanto os positivos quanto os negativos.

Momento dos informes

Trata-se do momento de integração do grupo, das trocas de informações sobre as disciplinas, congressos, livros, textos, artigos de jornais, dicas para facilitar a revisão bibliográfica, indicações de *sites* e periódicos, discussões sobre como trabalhar os tópicos do projeto de pesquisa, métodos para exposição oral de um trabalho e até para o planejamento de aulas.

³ Mestrado: dois anos e seis meses; doutorado: quatro anos.

⁴ Assim foi nomeado pelo grupo por ser um momento de grande exposição, ressaltando-se que a grande maioria dos participantes tem dificuldade de falar em público, expor suas ideias e ser avaliada por outros.

Nas primeiras reuniões de orientação coletiva, esse momento praticamente ocupava todo o tempo, pois o grupo discutia os instrumentos e metodologias para a elaboração da itemização dos projetos de pesquisa e as formas para a exposição oral dos trabalhos. Eco (2002), Tobar (2001), Jay (1973), Minayo (1996) e o Guia de Apresentação de Teses (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2006) foram as referências teóricas para as discussões no grupo acerca do desenvolvimento dos itens básicos dos projetos: Introdução, Justificativa, Objetivos, Metodologia, Resultados e Conclusão, além das formas para a sua apresentação. Com base nessas discussões, o grupo elaborou um roteiro para a redação de teses e dissertações, que retrata de forma bastante simplificada as etapas percorridas ao se redigir um trabalho de pós-graduação.

Nesse ínterim, também foi construído um Manual de Conselhos para apresentação oral de trabalhos, fundamentado em um texto de Jay (1973), nas experiências do orientador e nas observações levantadas pelos orientandos nas sessões pinga-fogo.

Muitas dessas recomendações, extraídas de manuais e da literatura específica, foram traduzidas para uma linguagem simples e se tornaram lemas para o desenvolvimento das pesquisas: “Faça promessas que você possa cumprir”; “Não centralize a obtenção dos dados da pesquisa em uma pessoa específica”; “Equacione a questão dos recursos”; “Evite adversidades”; “Não corra riscos”; “O ideal é inimigo do possível”; “É fundamental manter o controle da amplitude a ser dada ao tema durante todas as etapas do trabalho”; “Evite ser muito abrangente, pois pode levar à perda do foco e da objetividade, dificultando o fechamento das ideias e o alcance dos resultados e objetivos propostos”.

Momento das sessões pinga-fogo

As sessões pinga-fogo consistem na apresentação oral do projeto de pesquisa e da dissertação/tese pelos orientandos, geralmente no segundo momento da reunião. Essas apresentações ocorrem especialmente durante três fases do processo de pós-graduação, ou seja,

na etapa inicial da pesquisa, quando o foco do orientando está voltado para a itemização básica do trabalho, na fase de qualificação do projeto e, finalmente, na fase de desenvolvimento e defesa pública.

Na fase de elaboração da itemização básica do projeto de pesquisa⁵, o orientando tem dez minutos cronometrados para exposição oral da estrutura do trabalho. Ele distribui cópia para todos os presentes, para o acompanhamento da sua exposição e anotações. Ante a diversidade das áreas e dos temas dos orientandos, essas apresentações precisam ser claras, pois a maioria dos ouvintes não domina o assunto e, às vezes, até desconhece a temática exposta pelo colega. Durante a apresentação oral, o orientando consegue não somente perceber se os assuntos apresentados estão conectados em uma sequência coerente, mas também identificar aqueles que estão apresentados de forma clara e aqueles que precisam ser melhorados.

Após a apresentação, todos os orientandos fazem perguntas e sugestões sobre o projeto. Nesse momento, o orientando percebe quais assuntos precisam ser clareados e, ao final das arguições, o orientador faz sua análise, com enfoque técnico em relação ao conteúdo e às metodologias, além de observações quanto à forma de apresentação. O momento de perguntas possibilita tanto a reflexão do orientando sobre o trabalho quanto o vislumbre de possíveis redirecionamentos, trazendo elementos que precisem ser aprofundados, incluídos ou retirados. Na fase da itemização do trabalho, o orientando chega a fazer três apresentações, buscando alcançar a objetividade e o sequenciamento lógico dos assuntos abordados no seu projeto. Essa etapa é muito importante, pois é um momento de reflexão e de amadurecimento da proposta de pesquisa, uma vez que ela servirá de roteiro para escrever o projeto, facilitando sua construção. O projeto de pesquisa só é elaborado após a itemização ser amadurecida e esgotada exaustivamente nas sessões pinga-fogo.

A duração dessas sessões é ampliada para vinte minutos quando o projeto de pesquisa do orientando está pronto para a qualificação. Aqui também o orientando distribui cópia do seu projeto para todos os presentes. O orientando expõe ao grupo várias vezes a itemização

⁵ Nessa fase o orientando ainda não escreveu o seu projeto de pesquisa, e está fazendo um exercício das intenções que povoam a sua mente.

de seu projeto, em média de duas a três apresentações. Nessa fase, o orientando trabalha muito a conceituação teórica do seu projeto e a metodologia de pesquisa a ser trilhada. Muitas vezes, durante as apresentações, o orientando percebe que os seus conceitos não estão muito claros, que alguns dados precisam ser mais bem pesquisados ou que a metodologia proposta merece ser revista. As várias apresentações também ajudam o pós-graduando a ter mais confiança no seu projeto, a expor suas ideias de forma mais clara e com firmeza, preparando-o para o exame de qualificação. O orientador busca o momento no qual o orientando está seguro e confiante de seu projeto para autorizar o agendamento dos exames.

Após o exame de qualificação, tem início outro momento, no qual o orientando foca a pesquisa de campo, a revisão bibliográfica, a análise dos dados e a redação da dissertação/tese. Nessa fase, estão previstas novas apresentações orais para o grupo sobre as metodologias adotadas, a evolução do cronograma e a análise dos dados levantados, o que funciona também como uma preparação para a defesa pública. Nessas apresentações, o orientando encontra o estímulo do grupo e o incentivo de que precisa para prosseguir, diante dos altos e baixos comuns no processo de produção. Desse modo, além de refletir sobre o desenvolvimento dos capítulos do trabalho, vai formatando aos poucos a defesa pública.

Na fase de apresentação oral da defesa da dissertação/tese, pode ocorrer mais de uma apresentação, e a última feita ao grupo ocorre antes da defesa pública, quando o orientando tem 30 minutos para expor o trabalho. Nessa etapa, a observação dos ouvintes está voltada para buscar a compreensão global da pesquisa, portanto todos os tópicos são avaliados, *slide* por *slide*, sendo apontados os aspectos que funcionaram como informação clara e outros a serem melhorados, buscando a valorização das informações levantadas durante todo o processo da pós-graduação.

Nas apresentações, em qualquer uma das fases da pesquisa, além de observar a condução técnica das pesquisas, o orientador faz uma análise da conduta do orientando durante a sua exposição, alertando

sobre vícios de linguagem, ensinando técnicas para auxiliar na correção de posturas, buscando melhores resultados na explanação dos projetos. Essa proposta tem como objetivo trabalhar a confiança do orientando, seja para dar uma aula, seja para expor um trabalho, seja para treinar a defesa pública. A análise da postura também é observada pelos outros orientandos, buscando-se, assim, vários olhares e contribuições para melhorar a exposição oral.

Os instrumentos utilizados

a. A itemização como ferramenta para o desenvolvimento do projeto

A proposta de itemização dos trabalhos partiu da experiência do orientador e foi adotada pelo grupo. Ela tem como objetivo, entre outros, ajudar o orientando a organizar suas ideias, a traçar o caminho que irá percorrer, a clarear o objeto de estudo e a delimitar o universo e os objetivos da pesquisa.

A seguir, apresenta-se um exemplo da itemização parcial de um projeto de pesquisa.

Título: Comunicação e gerenciamento de risco em cortiços verticais

1. Introdução

- 1.1. O projeto temático interdisciplinar entre FAU/USP no cortiço da Rua Solon
- 1.2. O processo de encortiçamento nas regiões urbanas brasileiras
- 1.3. O processo de encortiçamento na região central do município de São Paulo
- 1.4. O perigo existente nos cortiços *versus* a ausência de políticas públicas voltadas para a comunicação e o gerenciamento de risco

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Desenvolver metodologia de comunicação e gerenciamento de risco ambiental para ser aplicada em comunidades que vivem em habitações precárias verticalizadas.

2.2. Objetivos específicos

- 2.2.1. Capacitar os moradores de cortiços em brigada de incêndios e em gerenciamento de risco, para que possam monitorar e até prevenir situações de risco.

2.2.2. Oferecer subsídios para os órgãos públicos no gerenciamento e na comunicação de risco ambiental em comunidades que vivem em áreas perigosas.

A elaboração de um projeto de pesquisa não é uma tarefa fácil, principalmente para os mestrandos que estão percorrendo esse caminho pela primeira vez. O pré-projeto apresentado para o ingresso na pós-graduação precisa ser desenvolvido e detalhado, pois consiste apenas em um esboço das ideias. A elaboração do projeto de pesquisa para submissão ao exame de qualificação exige do pós-graduando um detalhamento e aprofundamento maior. Exige o desenvolvimento da escrita acadêmica, o que, muitas vezes, o orientando não domina.

A itemização é um exercício inicial de reflexão sobre a temática a ser abordada na pesquisa do orientando, composta por frases curtas, indicativas do conteúdo a ser desenvolvido no projeto. Essa itemização é elaborada segundo os itens exigidos nas normas para a redação dos trabalhos, por exemplo, organizada em tópicos, tais como: Introdução, Justificativa, Revisão bibliográfica, Objetivos, Materiais e métodos, Resultados esperados e Conclusões. É um exercício que irá auxiliar o orientando a construir e desenvolver o seu projeto. A itemização é submetida à avaliação pelo grupo nas sessões pinga-fogo com duração de dez minutos.

O orientando faz e refaz a itemização várias vezes antes de escrever o seu projeto de pesquisa, pois, ao expô-la nas sessões pinga-fogo, irá perceber quais questões precisam ser revistas, clareadas ou aprofundadas no projeto. Na apresentação oral, os pontos fracos, obscuros e conflituosos do projeto aparecem de forma nítida para os ouvintes, que devolvem ao orientando perguntas sobre o seu projeto, visando auxiliá-lo na organização das ideias e propostas. O momento de perguntas torna-se, para o orientando, uma oportunidade de reelaboração do trabalho e de reflexão sobre o projeto.

A conceituação teórica necessária para o embasamento da pesquisa e a metodologia de investigação são bastante exploradas nessa fase, assim como uma varredura quanto aos dados que precisam ser levantados, sua viabilidade e a forma de obtê-los.

O orientando trabalha exaustivamente para consolidar a definição do tema do projeto e o caminho a ser percorrido, e essa etapa é importante, pois representa um momento de reflexão e de amadurecimento da proposta de pesquisa. A itemização será um roteiro para o projeto de pesquisa, facilitando a construção e a sequência dos temas abordados no trabalho. O projeto de pesquisa só é elaborado após a itemização ser amadurecida e esgotada exaustivamente nas sessões pinga-fogo.

A itemização é usada durante todo o processo da pós-graduação, pois ela servirá de roteiro para as apresentações orais do projeto nas diferentes fases: no desenvolvimento do projeto de pesquisa para o exame de qualificação e no desenvolvimento da dissertação/tese do orientando.

b. Manual de Conselhos

Conforme mencionado, o grupo construiu uma lista de recomendações, que compõem o Manual de Conselhos,

- Acertar o foco do equipamento antes de começar a apresentação e levar uma caneta *laser* para apontar os dados na tela. Treinar várias vezes a apresentação. Cronometrar o tempo.
- Buscar um lugar confortável próximo ao computador para poder se locomover e se expressar melhor – um local que permita que o orientando se movimente sem passar na frente do equipamento de projeção e que lhe permita enxergar o público e ser visto por todos os presentes.
- Ao iniciar uma exposição, cumprimentar a todos e se apresentar, buscando olhar para a sala. Agradecer a todos a presença, lembrando que, em uma banca, essa é uma postura simpática e denota confiança e segurança por parte do examinado. Caso seja um convite para palestra ou outro tipo de apresentação, não esquecer de agradecer.
- Olhar e falar para todos durante a apresentação é fundamental, pois ajuda a criar um elo com os presentes e a perceber se os ouvintes estão envolvidos e compreendendo o que está sendo exposto. É recomendável que o orientando evite se manter estático durante a apresentação, daí a importância de, sempre

que possível, buscar um bom posicionamento na sala, a fim de ter mobilidade para se locomover, o que ajuda a prender a atenção dos ouvintes. Manter uma boa postura, olhar para todos, sorrir, evitar pôr a mão no bolso ou no cabelo, assim como passá-la no nariz e apoiar-se sobre uma perna ou na mesa, são aspectos que merecem ser observados durante uma apresentação. Segurar uma caneta ou *laser-point* ajudará a manter as mãos ocupadas. Cuidar para apontar apenas para a tela, evitando movimentos constantes e giratórios com o *laser* sobre a apresentação, pois isso pode desviar a observação de quem está assistindo. Quando usar dados secundários em uma exposição pública, citar a fonte. Buscar não repetir palavras de apoio e/ou gírias, como, por exemplo: “né?”, “não é mesmo?”, “com certeza!”, “tipo assim...”. Apresentar os *slides* pausadamente, discutindo cada um deles e dando destaque aos aspectos mais importantes em cada etapa da apresentação.

- Jamais ultrapassar o tempo estipulado em qualquer apresentação, seja congresso, seja palestra, seja aula. No caso do exame de qualificação e da defesa pública, evite falar muito rápido, não utilizando integralmente o tempo disponibilizado, pois isso pode denotar pouco domínio do apresentador/examinado sobre o assunto, que esgotou rapidamente o assunto.
- Um trabalho de pós-graduação, além de ser bom, precisa ser apresentado como tal. Assim, a forma de apresentação é importante, pois dará credibilidade, consistência e qualidade ao trabalho. Não utilizar cores escuras, não sobrepor informações e imagens, porque isso pode dificultar a visualização dos textos, figuras e mapas de apoio. Nunca colocar textos longos nas apresentações e especialmente, evitar ao máximo a leitura de textos durante a explanação. Mapas, tabelas e gráficos geralmente auxiliam a elucidar as informações.

Esse tipo de observação é bastante trabalhado nas apresentações dos orientandos, pois a incorporação de tais conceitos é decorrente da prática, e o orientando, muitas vezes, não se percebe repetindo alguns vícios de linguagem e posturas não recomendadas, caso não seja alertado quanto a isso.

Resultados alcançados

Pode-se dizer que toda a metodologia construída no coletivo oxigena os processos de ação no contexto e na conjuntura do seu grupo, bem como nas suas demandas e potenciais. Essa metodologia de orientação foi construída e transformada ao longo do tempo pelos seus participantes, alcançando seu objetivo inicial e ampliando outros. Nestes 11 anos, passaram pelo grupo alunos regulares de outros orientadores, profissionais interessados em fazer pós-graduação na Faculdade de Saúde Pública, professores da faculdade e alunos da iniciação científica (Pibic) interessados na dinâmica e na possibilidade de discutir projetos de pesquisa. Desde a criação do grupo, 17 orientandos concluíram seus trabalhos, sendo seis doutorados e 11 mestrados.

A formatação atual do grupo conta com 20 participantes, além do orientador. Destes, nove são orientandos em processo de pós-graduação: três alunos do mestrado profissionalizante, três do mestrado acadêmico e três doutorandos. Os demais participantes são mestres e doutores egressos do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Saúde Pública, ex-orientandos do professor/coordenador do Grupo de Orientação Coletiva.

Todos os orientandos concluíram seus trabalhos no prazo exigido pela faculdade, mostrando e validando a eficácia da metodologia utilizada. As orientações coletivas se consolidaram como espaço de construção de novos conhecimentos.

Finalmente, pode-se afirmar que a metodologia empregada nas orientações coletivas possibilitou:

- A elaboração de projetos de pesquisa consistentes;
- O sucesso nos exames de qualificação, conforme as normas estabelecidas;
- A realização dos exames de qualificação e defesas públicas sem “traumas” para os examinados;
- O desenvolvimento de novas habilidades cognitivas: comunicação oral sintética, noções básicas da didática e aprimoramento da escrita acadêmica e do discurso oral;

- O desenvolvimento da confiança no trabalho e na capacidade de comunicação para transmitir as informações necessárias;
- O fortalecimento da identidade coletiva do grupo;
- A produção de mais de 60 artigos coletivos pelo grupo, levando-os a entrar em contato com temas diferentes do seu projeto de pesquisa;
- A criação de um grupo de pesquisa no CNPq chamado Núcleo de Pesquisa, Meio Ambiente e Saúde Pública;
- A produção de conhecimento consistente pelo grupo de pesquisa;
- A ampliação do saber técnico-científico de todos os membros do grupo, em razão do contato com os projetos dos outros orientandos.

Considerações finais

A metodologia construída coletivamente nesse grupo de orientação mostrou efetividade nestes 11 anos ao levar todos os orientados a fazer o exame de qualificação no primeiro ano e a defender suas dissertações e teses nos prazos exigidos pela faculdade.

A produção dos artigos coletivos desenvolvidos pelos participantes e a criação de um grupo de pesquisa são resultados da dinâmica da metodologia da orientação coletiva.

A permanência de mestres e doutores, ex-orientandos do professor no grupo de orientação, é outro dado que reforça a efetividade da metodologia utilizada.

As reuniões mensais de orientação coletiva mostraram também sua força e sua capacidade de desvelar a particularidade da dinâmica. Como bem afirma Augoyard (1979), esse espaço passa a ser qualificado de outra maneira, a partir da vivência que a experiência traz para todos, passando a funcionar como:

- Espaço de reflexão e empoderamento dos orientandos, levando-os a articular e a repensar seus projetos e processos, coletivamente;

- Espaço de construção de novos conhecimentos a partir dos projetos de pesquisa debatidos nas reuniões;
- Espaço de aprendizagem de novas habilidades não cognitivas: confiança, segurança e uma comunicação mais clara e objetiva;
- Espaço de diálogo entre os diferentes saberes técnicos dos orientandos, ampliando o olhar interdisciplinar e os conhecimentos individuais com a apresentação dos projetos dos outros orientandos.
- Espaço de acolhimento e, por conseguinte, de união e de fortalecimento da relação entre os membros do grupo.
- Espaço de produção de trabalhos coletivos e de novos projetos além do doutorado.

Por fim, pode-se dizer que a relação do saber/fazer profissional nas orientações coletivas se fez no entrelaçamento de redes alimentadas por fluxos contínuos de conhecimento, informação e interação. Movimentou também processos e ações multidimensionais; potencializando o agir profissional, porque arranca cada ação do seu isolamento e assegura uma intervenção agregadora, totalizante e inclusiva.

Recebido em 11/04/2014
Aprovado em 23/07/2014

Referências

AUGOYARD, J. F. **Pas à pas** – essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain. Paris: Éd. du Seuil, 1979.

CARVALHO, M. C. B. **Gestão Social e trabalho Social:** desafios e percursos metodológicos. São Paulo: Cortez, 2014.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina:** um ensaio de psicologia social. 2.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

ECO, U. **Como se faz uma tese.** 18 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FALCÃO, M. do C.; NETTO, J. P. **Cotidiano:** conhecimento e crítica. 10 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012

FERREIRA, L. M.; FURTADO F.; SILVEIRA, T. S. Relação orientador-orientando. O conhecimento multiplicador. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 24 (3), may/jun. 2009; Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/acb/v24n3/pt_01.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

JAY, A. **Apresentação eficiente: a comunicação de ideias com palavras e meios visuais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973. (Série Informação e Comunicação).

MENDES, P. B. M. T. Cuidadores: heróis anônimos do cotidiano. In: KARSCH U. (Org). **Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores**. São Paulo, EDUC, 1998.

_____. **Gerenciamento do Risco em habitações precárias: percepções, novas ambiências, novos ambientes**. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec, Abrasco, 1996.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação e Pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p.13-27, jan./abr.2009.

TOBAR, F. **Como fazer teses em saúde pública: conselhos e ideias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Saúde Pública. **Guia de Apresentação de Teses**. 2.ed. São Paulo: A Biblioteca, 2006.